



## Por uma educação indígena diferenciada

### Cursos

Com base nesse quadro, a CPI/AC elaborou, apoiada por assessorias especializadas na questão indígena, o projeto educacional que tem como ponto principal a formação de professores índios, através de cursos específicos.

De 1983 — ano do início efetivo do projeto com a realização do primeiro curso no Centro de Treinamento da Fundação Cultural do Acre — a 1986, quando o “Interação” deu por encerradas as suas atividades, três destes cursos dirigidos à formação de professores índios foram promovidos pela equipe responsável. Entre seus objetivos principais, atendendo sempre às expectativas dos grupos indígenas participantes, estavam viabilizar a alfabetização em língua portuguesa e a aquisição de noções básicas de aritmética, considerados instrumentos essenciais no contato dos indígenas com a sociedade.

Como resultado das questões discutidas no primeiro curso, a partir da segunda etapa, foi também introduzida a língua indígena como objeto de estudo.

Nos cursos, os grupos indígenas idealizaram e produziram os materiais didáticos, que passaram a ser aplicados pelos professores índios nas aldeias, para a transmissão às comunidades dos conhecimentos adquiridos nas aulas ministradas. Esse material integrou a “Exposição de Material Didático para a Educação Escolar Indígena no Brasil”, realizada no ano passado, na Universidade de Brasília, durante a 39ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC.

O trabalho dos professores índios nas suas aldeias foi acompanhado pela equipe do projeto nos intervalos dos

A Coordenadoria de Referência Cultural da SPHAN/próMemória editou recentemente o livro *Por uma Educação Indígena Diferenciada*, no qual está registrado o trabalho desenvolvido pela Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC) com as comunidades indígenas daquele Estado. A iniciativa recebeu, entre 1983 e 1986, apoio técnico-financeiro do projeto “Interação entre Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais Existentes no País” (SPHAN n.º 18, págs. 12 e 13, n.º 24, pág. 14, n.º 36, págs. 13 e 15 e n.º 39, pág. 19).

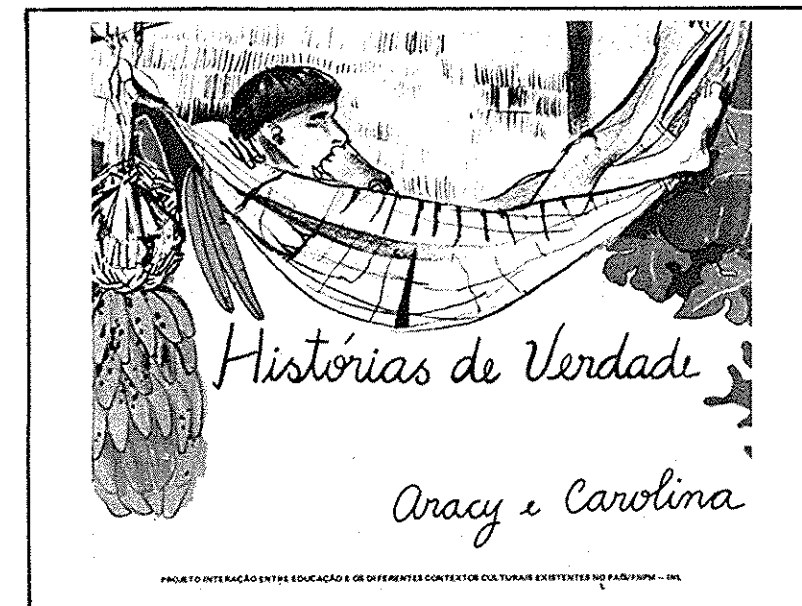
Entre os objetivos do trabalho focado destacam-se a formação de professores índios, a criação de escolas nas aldeias e a elaboração e prática de conteúdos curriculares referenciados na realidade indígena, coerentes com as necessidades das populações envolvidas.

O projeto da CPI/AC, denominado “Uma Experiência de Autoria”, fundamenta-se na participação indígena nas ações relativas ao processo educacional, tendo em vista que as próprias comunidades envolvidas, não satisfeitas com os métodos formais de educação a elas oferecidos, passam, através de suas lideranças, a reivindicar o direito de serem os principais organizadores, os agentes, de sua formação escolar, como meio de se instrumentalizarem para o relacionamento com a sociedade “branca” envolvente, sem perda de sua identidade sócio-cultural.

cursos, com a finalidade de discutir e avaliar *in loco* o andamento do processo educacional proposto. Com base nessas avaliações, sempre discutidas com os professores índios, pôde-se aperfeiçoar o conteúdo dos cursos seguintes, obtendo-se, desta forma, uma melhor eficácia dos métodos utilizados.

Após o primeiro curso, ainda em 1983, muitos dos alunos, ao regressarem às suas aldeias, criaram as primeiras escolas, como aconteceu, por exemplo, em seis seringais da área Kaxinawá do Jordão. Em 1984, outras escolas foram criadas e atualmente perfazem um total de trinta.

“Aprender a ler e escrever a língua portuguesa e manipular operações básicas de aritmética passava a ser visto



Capa de um dos livros utilizados na educação indígena

pelas lideranças indígenas como um instrumento decisivo para a abertura de novos horizontes”, afirma, em um dos capítulos do livro *Por uma Educação Indígena Diferenciada*, a pesquisadora da SPHAN/próMemória, Ana Suelly Cabral, que assessorou o projeto da CPI/AC, através do apoio oferecido pelo “Interação”.

“Os índios concluíram que preparar jovens lideranças para serem futuros professores nas aldeias era uma de suas necessidades imediatas”, acrescenta. Segundo a pesquisadora, “a educação ideal”, no entender dos índios, “deveria ser diferente daquela oferecida pelas missões estrangeiras, pela FUNAI, pela rede oficial e pelos padrões seringalistas”.

O trabalho de educação indígena “Uma Experiência de Autoria” atinge, segundo informações da coordenadora do projeto, Nietta Monte, 30 aldeias em 17 áreas do Acre e regiões fronteiriças, envolvendo nove nações: Kaxinawá, Katukina, Maxisneri, Jamináwa, Yawanawá, Apurinã, Kulina e Poyanáwa.

### Convênio

Após o segundo curso, realizado em 1985, o trabalho da CPI/AC recebeu o apoio da FUNAI e da Secretaria de Educação e Cultura do Acre, através de um convênio beneficiando 12 das 32 áreas indígenas da região, com escolas geridas por índios professores. Segundo informa Nietta Monte, esses professores vêm lecionando para seus “parentes”, a partir de uma proposta curricular específica, definida participativamente, e que, de acordo com o convênio firmado, deverá es-

tar reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação ainda este ano.

O resultado imediato do convênio foi a contratação pela SEC/AC de 21 monitores índios formados e reciclados nos três cursos promovidos. Tais monitores vêm recebendo salários da SEC em seus municípios, com recursos a ela repassados pela FUNAI. Ficou garantida no convênio a autonomia pedagógica e administrativa das escolas indígenas no que diz respeito ao currículo, calendário e mecanismos de avaliação do rendimento escolar dos alunos.

Segundo a coordenadora do projeto da CPI/AC, “através desse convênio fica mais uma vez evidenciada a polêmica questão de integração do índio na sociedade nacional, seus direitos e deveres como cidadão brasileiro, e sobretudo as obrigações do Estado em relação às minorias étnicas nacionais. Equiparado agora à grande maioria do professorado brasileiro *leigo* (rural e urbano), sua contratação pela SEC/AC dispensa-o gradativamente do tratamento tutelar e discriminativo com que até então vinha sendo assistido, não só pelo órgão tutor, mas também por segmentos consideráveis da sociedade brasileira”.

Depois de cinco anos de trabalho, com três cursos realizados, 30 escolas implantadas, 30 professores em processo de formação e um número significativo de materiais didáticos editados, a “Experiência de Autoria” torna-se um programa. No atual estágio está sendo extraídos e aprofundados da trajetória desta experiência os principais elementos que garantirão a sua continuidade.

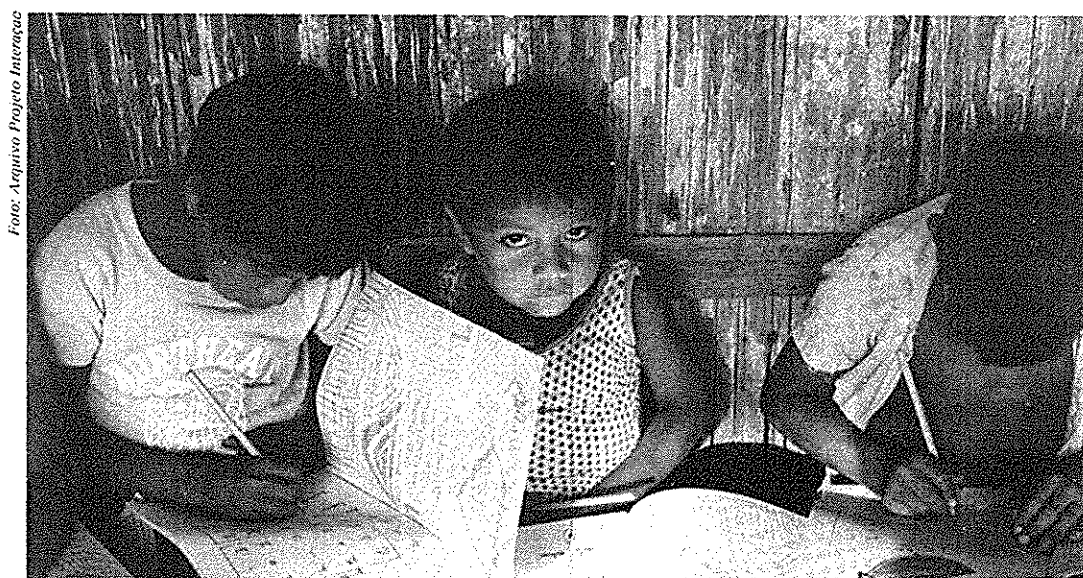


Foto: Arquivo Projeto Interação

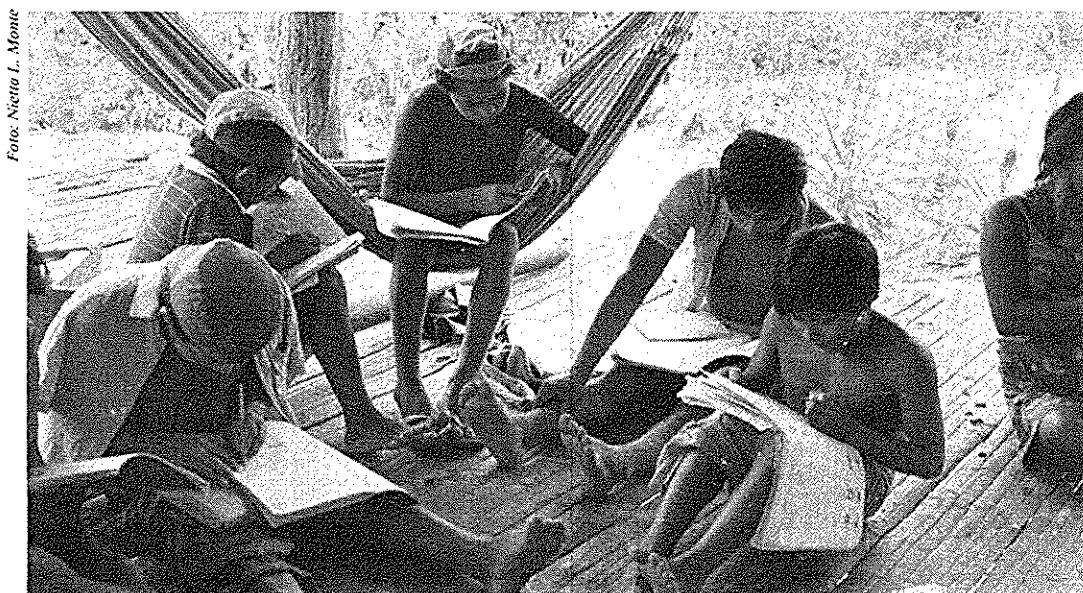


Foto: Nietta L. Monte

Alfabetização em língua portuguesa a partir de material didático produzido pelos professores índios. Escola Katurina do Gregório (AC)